



Sustentabilidade
em Debate

Sociedade cabocla: participação e diversidade na Amazônia

Raquel Caribé Grando¹

² Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília. Brasília, Distrito Federal, Brasil. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável. E-mail: raquelscg@yahoo.com

Recebido em 10.01.2011

Aceito em 15-3.2011

RESENHA

ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter (Eds.). **Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade**. São Paulo: Annablume, 2006. 364 p.; 16 X 23 cm. ISBN 85-7419-644-4.

Cristina Adams, professora da Escola de Artes, Ciências e Humanidades, e integrante do Laboratório de Ecologia Humana da Universidade de São Paulo (USP), e os professores do Instituto de Biologia desta universidade, Rui Murrieta e Walter Neves, reuniram nesta coletânea trabalhos com diferentes abordagens sobre as populações ribeirinhas, rurais e campesinas da Amazônia, chamadas de sociedades caboclas. Estes trabalhos são apresentados por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, que desenvolvem estudos sobre a Amazônia e as suas populações humanas.

Em 2000, Adams e Mark Harris, da Universidade de St. Andrews, Escócia, organizaram, na USP, um fórum de discussão com o objetivo de atualizar o conhecimento sobre as sociedades caboclas amazônicas e fazer uma revisão crítica da produção antropológica a respeito destas so-

iedades. O resultado desta reunião, que procurou delinear um cenário futuro para a questão das sociedades caboclas, concretizou-se em 2002 com a realização de um *workshop*. Os artigos e resultados deste *workshop* foram reunidos no livro aqui resenhado.

Os editores reuniram textos que procuram desmistificar a tradição generalista de alguns estudos antropológicos sobre estas populações. Pelas discussões do *workshop*, surgiu a necessidade de compilar trabalhos relacionados especificamente às sociedades caboclas, principalmente por conta do entendimento equivocado que persiste sobre o povoamento da região amazônica e sobre como se situa nesse povoamento um grupo conhecido como “caboclos”.

A compilação apresenta 13 artigos, distribuídos por cinco seções: “Identidade, História e Sociedade”, com artigos de Stephen Nugent, Wi-

William Balée, Décio de Alencar Guzmán e Mark Harris; “Sustentabilidade e Políticas de Desenvolvimento”, com trabalhos de Henyo T. Barreto Filho, Deborah de Magalhães Lima e Fábio de Castro; “Manejo de Recursos”, com artigos de Eduardo S. Brondízio e Célia Futemma; “Gênero e Vida Cotidiana”, com trabalhos de Andréa D. Siqueira, Rui S. S. Murrieta e Antoinette M. G. A. Winkler Prins; e a seção “Dieta e Saúde”, com os autores Cristina Adams, Rui S. S. Murrieta, Andréa D. Siqueira, Walter A. Neves, e Rosely A. Sanches, no primeiro artigo da seção, e Hilton P. Silva, que escreve o segundo artigo.

Os artigos compilados procuram demonstrar, por meio das diferentes abordagens, que embora as populações amazônicas apresentem grande diversidade cultural, étnica e de técnicas de manejo, compartilham de uma invisibilidade sócio-política. De maneira geral, os artigos trazem enfoques multidisciplinares para argumentar a respeito da complexidade de fatores que envolvem a questão desta invisibilidade, e o seu papel na economia da região e na formação de seu contexto histórico.

Na primeira seção, Nugent demonstra que o desenvolvimento da sociedade cabocla ocorreu com o fim do ciclo da borracha, formada principalmente por imigrantes nordestinos. Por este motivo, estes camponeses amazônicos são marginalizados, sendo considerados não autênticos pela literatura antropológica do início do século XXI, justamente por causa de sua mestiçagem recente. Para o autor, estes estudos ainda comentem o equívoco que retratar a Amazônia como “um terreno exótico, a-histórico” (p. 34), o que colabora para uma visão idealizada da Amazônia e de seus habitantes. Balée apresenta a abordagem da ecologia histórica e a importância da lingüística histórica no entendimento das mudanças na paisagem amazônica. Para o autor, o es-

tudo da língua ajuda a entender como estas mudanças foram incorporadas no repertório cognitivo das comunidades caboclas. Seu estudo enfoca o contexto lingüístico sobre o cacau, descrevendo como as mudanças econômicas referentes ao seu cultivo e consumo refletiram nas línguas nativas. Guzmán disserta sobre a contribuição do contato interétnico na bacia do Rio Negro para o debate sobre a invisibilidade dos caboclos, por meio da abordagem histórica sobre a influência do contexto político e econômico na sociedade amazônica do século XVIII. No ensaio de Harris, o autor apresenta a visão ecológica e cultural do caboclo, afirmando que não há uma cultura cabocla nem uma identidade cabocla única, já que eles têm como características a flexibilidade e a resiliência em seu modo de vida. Para o autor “a identidade dos ribeirinhos é produto do que são no presente, e contrasta-se com o que foram no passado recente” (p. 105).

A segunda seção inicia com o artigo de Barreto Filho, que apresenta uma análise crítica em torno do conceito de populações tradicionais, nas quais geralmente se incluem as sociedades caboclas. O autor alerta para o fato de que se o conceito não for usado com muito rigor e cautela, pode ocasionar usos tendenciosos ou generalistas. A economia doméstica e as relações de parentesco dos moradores da Reserva de Desenvolvimento Sustentável de Mamirauá são apresentadas no ensaio de Lima. O caboclo, para a autora, está relacionado ao campesinato amazônico de origem colonial. O artigo trata da organização social da produção e do consumo em Mamirauá, destacando a importância dos laços de parentesco no funcionamento da unidade doméstica. Seguindo a linha de estudo da economia familiar, Castro descreve que a formação da sociedade cabocla se deu a partir da miscigenação entre ameríndios, europeus, e mais tarde,

afro-brasileiros, que foram ocupando as áreas de várzeas, desde a dominação pelos colonizadores. Para o autor, a economia cabocla baseada na pesca, na agricultura e no trabalho assalariado representa uma adaptação que tem gerado flexibilidade econômica destas populações frente às alterações políticas e históricas da região.

Na terceira seção, Brondízio disserta sobre a ligação entre os termos “caboclo” e “colono”, fato que colabora para a invisibilidade destas sociedades. O autor analisa os sistemas de produção dos caboclos e colonos, para encontrar semelhanças no que toca às características de invisibilidade dos dois grupos. São considerados colonos pelo autor os migrantes assentados, a partir da década de 1960; e como caboclos as populações ribeirinhas e interfluviais. Futemma discorre sobre as redes de relações sociais envolvendo as organizações, instituições, e estratégias de adaptação dos caboclos aos diferentes sistemas naturais, alertando para o fato de que os fatores sócio-culturais envolvidos nas redes de relações interferem e se relacionam com as práticas de uso dos recursos destas populações.

Na quarta seção, o primeiro artigo de Siqueira discute a participação das mulheres na economia familiar cabocla e nos processos domésticos de tomada de decisão. A autora enfatiza a importância feminina na econômica das sociedades caboclas, mesmo diante de sistemas e regras sociais que tendem a favorecer o gênero masculino. Seguindo o enfoque de gênero na análise das sociedades caboclas, Murrieta e WinklerPrins propõem uma abordagem multinivelada para compreender o modo como as mulheres caboclas se relacionam com seu ambiente físico, com enfoque no manejo dos jardins e quintais por elas.

O artigo de Adams, Murrieta, Siqueira, Neves e Sanches, que abre a quinta seção, discorre sobre os hábitos alimentares de cinco comunida-

des caboclas, com ênfase na importância do consumo da mandioca. Os autores observam que a mandioca tem um papel central para essas sociedades. Embora o seu cultivo apresente uma invisibilidade sócio-econômica, representa a capacidade adaptativa e a resiliência histórica das comunidades caboclas de várzea. Silva apresenta a contribuição da abordagem da saúde pública para entender a invisibilidade das populações caboclas, enfatizando que as condições ambientais e sócio-econômicas afetam estas populações e as políticas públicas de saúde direcionadas a elas.

Os editores concluem, em um capítulo ao final das seções, que ainda há muito o que se conhecer e desvendar a respeito da história e da diversidade sócio-ecológica das sociedades caboclas. Mesmo que a invisibilidade da sociedade cabocla esteja sendo desvelada por inúmeras publicações acadêmicas, a partir da década de 1990, ainda é realidade que estas populações não sejam consideradas em políticas públicas e em programas de desenvolvimento social da região. O fato é que os modos de vida diversificados e não-especializados dos caboclos, apresentados em diferentes enfoques nos artigos compilados, parece ser uma das principais características que permite às sociedades caboclas sobreviverem no cenário dinâmico de mudanças econômicas e sociais em que estão inseridas. A diversidade cultural e genética da formação da sociedade cabocla parece colaborar para a adaptabilidade cultural que acompanha as mudanças de mercado e políticas. Dessa forma, as sociedades caboclas podem ser consideradas modernas e dinâmicas em suas práticas e modos de vida, construídos nos contextos sociais e econômicos da região.

Para acadêmicos e pessoas envolvidas política ou economicamente com os temas relacionados a Amazônia, o livro *Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade* apre-

senta abordagens atualizadas, inovando na forma de analisar a questão das populações amazônicas em relação aos seus modos de vida, aos usos de recursos, e à sua participação na história do Brasil. O estudo das estratégias de adaptação, resiliência, uso da terra, redes sociais e de parentesco, e modos de vida das sociedades caboclas, presente nos artigos selecionados para este livro, pode trazer importantes contribuições para estratégias políticas e governamentais apontadas para os problemas ambientais que a região enfrenta na atualidade.

Obras Recebidas

Books Received

